

# Histórias de vida: o pioneirismo de Gilberto Freyre

*Lina Rodrigues de Faria\**

**Resumo.** O presente artigo procura mostrar a importância das histórias de vida na ciência social de Gilberto Freyre. Em *Ordem e Progresso*, Freyre trabalha com testemunhos orais e escritos, colhidos entre 1930 e 40, de brasileiros que viveram e observaram a desintegração da sociedade patriarcal e escravocrata no Brasil. Através da comparação das respostas, Freyre pôde compreender e, principalmente, interpretar o modo íntimo de vida da sociedade brasileira naquele período de nossa história. O autor queria relatos e informações de pessoas ilustres e famosas de nossa sociedade, mas também de membros das classes populares. Neste sentido, inaugurou uma técnica de conhecimento das relações sociais que só a partir da década de 80 ganhou relevância entre historiadores e cientistas sociais no Brasil. Além disso, o trabalho chama a atenção para a flexibilidade do autor no uso de outras técnicas de apreensão da realidade, além da história oral em que pioneiramente trabalhou.

**Palavras-chave.** Gilberto Freyre, história de vida, história oral, pensamento social.

“A tradição oral é uma fonte importante da história, e às vezes a mais pura e verdadeira”.

*José de Alencar\*\**

Há livros cujos prefácios são preciosas orientações metodológicas. No prefácio a *Ordem e Progresso*, Gilberto Freyre apresenta uma defesa apaixonada das histórias de vida como instrumento de reconstituição das relações sociais e da cultura de um período. A tomada de depoimentos escritos, colhidos

---

\* Lina Rodrigues de Faria é historiadora, mestre em Saúde Coletiva, pesquisadora visitante da Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz.

\*\* José de Alencar. *Iracema. (Lenda do Ceará)* São Paulo: Edições Melhoramentos, 1948.

a partir de questionários enviados a pessoas de todas as classes sociais, que viveram a passagem da Monarquia para a República, foi complementada por depoimentos orais de sobreviventes daquela época. A história oral foi pioneiramente empregada pelo autor, nos idos de 30 e 40. A elas referiu-se como “entrevistas não-direcionadas”, citando, a propósito, autores da psicologia social norte-americana, como por exemplo, W. I. Thomas, considerado por Freyre como o “grande renovador moderno dos estudos sociais”.

Ao discutir a contribuição pioneira de Gilberto Freyre na utilização multidisciplinar da história oral no Brasil, este trabalho procura mostrar que não poucos caminhos, hoje trilhados por historiadores, foram apontados em *Ordem e Progresso*. Até mesmo o fantasma do depoimento supostamente mentiroso, que reduziria o valor explicativo da história oral, foi exorcizado por Gilberto Freyre em nota metodológica que abre os dois volumes.<sup>1</sup>

*Ordem e Progresso* foi lançado em 1959. Durante quase vinte anos, Gilberto Freyre havia colhido e estudado cerca de trezentos testemunhos escritos e orais, de brasileiros nascidos entre 1850 e 1900. Os entrevistados representavam a sociedade brasileira de alto a baixo, desde antigos barões do Império até ex-escravos. Cada um portador de verdades e pontos de vistas diferentes sobre a sociedade patriarcal brasileira:

indivíduos dos dois sexos, das três raças e de suas várias nuances de mestiçagem; de profissões diversas, de condições sociais e intelectuais diferentes; de credos ou fé também diferentes. (OP: XXVII)

Através da *comparação* das respostas, Freyre pôde compreender e, principalmente, interpretar a “intimidade de um tempo social”. Neste ponto, baseia-se em W. I. Thomas, para quem as histórias de vida só se tornam realmente úteis, do ponto de vista sociológico, quando trabalhadas de modo comparativo. No período entre os anos 30 e 50, as histórias oral e de vida foram exaustivamente utilizadas por Thomas em vários de seus trabalhos, sem desviar a atenção dos problemas na utilização dessa técnica. Nas palavras do autor,

há indubitavelmente dificuldades insuperáveis no caminho do aperfeiçoamento dos registros de vida do ponto de vista da objetividade e confiabilidade.

---

<sup>1</sup> Ver Janaina Amado, “O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral”. Trabalho apresentado no II Encontro Nacional de História Oral, 1994, e resumido em Marieta de Moraes Ferreira (Org.) *História Oral*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994, p. 120.

Ainda segundo Thomas, o registro pessoal não é suficiente para a compreensão da realidade como um todo, devendo ser complementado por outras fontes, utilizadas segundo outras técnicas.<sup>2</sup>

Gilberto Freyre apresenta-se como historiador social, sociólogo e antropólogo. A diversidade de orientações intelectuais acompanha, em *Ordem e Progresso*, uma grande diversidade de objetivos de pesquisa: conhecer a vida afetiva e profissional, as relações com a escola e a igreja, com os amigos e a família, a atividade econômica, o comportamento político e ideológico, as manifestações culturais, artísticas e intelectuais, as questões de raça e do preconceito, o vestuário e as músicas de época, as relações do indivíduo com o seu passado. A história de vida e a história oral servem, portanto, como instrumentos metodológicos de reconstituição da sociedade brasileira nos tempos de transição do Império para a vida republicana.

*Ordem e Progresso* é o terceiro estudo da trilogia iniciada com *Casa-Grande & Senzala* e *Sobrados e Mucambos*, que retratam a formação da sociedade brasileira. *Casa-Grande & Senzala* foi, segundo um estudioso da obra, “o primeiro acerto de contas” de Freyre com questões que sempre estiveram presentes em seu pensamento: conhecer nossa diversidade cultural, o papel que deveríamos desempenhar no mundo moderno e civilizado, nosso legado racial, nossas tradições de cultura.<sup>3</sup> Durante os anos de 30 e 40, essas questões foram sendo respondidas através de suas obras.

Os ensaios dos anos 30 e 40 propunham uma nova interpretação do Brasil: a visão gilbertiana acenava com as possibilidades abertas por uma formação histórica assentada na diversidade cultural de sua população, na ‘plasticidade’ do tecido social e político, na ‘miscibilidade’ social e racial que o impacto de uma colonização a um tempo européia e oriental [...] tornara possíveis.<sup>4</sup>

Ao falar do fascínio que os trabalhos de Gilberto Freyre exerceram sobre a geração dos anos 30 e 40, Antonio Cândido mostra que sua força residia na

---

<sup>2</sup> A necessidade de complementação foi levantada pelo autor em trabalho que empreendeu sob o título “The Relation of Research to the Social Process”. Ver W. I. Thomas *On Social Organization and Social Personality*. Chicago & London: The University of Chicago Press, 1966.

<sup>3</sup> Os escritos de Freyre foram examinados por Luiz A. de Castro Santos em estudo de 1978, *Visions of Brazil's Seigniorial Past: The Sociology of Gilberto Freyre*. Cambridge, Mass., Universidade de Harvard, mimeo, pp. 90.

<sup>4</sup> Ver Luiz A. de Castro Santos, “O espírito da aldeia: a trajetória intelectual de Gilberto Freyre”, n. 27, São Paulo: *Novos Estudos*, Cebrap, julho de 1990, p. 49.

maneira extremamente liberta com que desmontou a concepção solene da história social, falando com saboroso desafogo de sexo, relações de família, alimentação, roupa. Era o discernimento iluminado com que sugeria a importância dos traços menores, dos fatos humildes: o cumprimento, a receita de doce, a festa de padroeiro, o bigode, o anúncio de jornal, a anedota. Era sobretudo a franqueza com que mostrou a presença do negro no cerne da nossa vida, chamando a atenção de todos para a necessidade de estudá-lo, revolver a sua contribuição cultural e social, marcar o seu papel na formação do Brasil.<sup>5</sup>

Sublinhado por outro crítico, o interesse de Gilberto pelo estudo de nossa herança africana, e pelas relações raciais que marcaram a formação de nossa sociedade, permite a leitura de uma dupla tensão entre “guerra e paz” no mundo criado por senhores e escravos<sup>6</sup>, no contexto mais amplo — que o autor sempre teve presente em seus estudos — do sistema econômico e político da monocultura e do latifúndio.

O que pretendemos sugerir, a partir dos estudos críticos da obra gilbertiana, é que os traços marcantes de sua primeira grande obra estão presentes em *Ordem e Progresso*. Nesse ponto, devemos frisar, a literatura deixou aberta uma lacuna. Para usar uma expressão de Antonio Candido<sup>7</sup>, a *técnica expositiva* de Gilberto em *Casa-Grande & Senzala* (o volume de informações, as noções “brotando numa improvisação de talento”) repete-se, a nosso ver, em *Ordem e Progresso*, assim como também nos deparamos nessa obra com a extraordinária criatividade — igualmente realçada pela crítica — presente em *Casa-Grande & Senzala* e *Sobrados e Mucambos*, ao tratar das “miudezas históricas” do dia-a-dia da sociedade brasileira.

Em *Ordem e Progresso*, Gilberto Freyre apresenta (conforme suas próprias palavras) um estudo sociológico, antropológico e psicológico de interpre-

<sup>5</sup> V. Antonio Candido, “Aquele Gilberto”, in *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

<sup>6</sup> Em *Guerra e Paz*, Ricardo Benzaquen de Araújo baseia-se no modelo neolamarckiano de raça para o entendimento das relações entre raça, meio e cultura em *Casa Grande & Senzala*. Chamando a atenção para a ambigüidade presente no pensamento de Freyre, mostra que o “mito freyriano da democracia racial”, ao mesmo tempo que incorporava a noção de um convívio pacífico entre brancos, negros e mulatos, não diluía as desigualdades raciais existentes na sociedade brasileira. Ver Ricardo Benzaquen de Araújo, *Guerra e Paz: Casa-Grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

<sup>7</sup> Antonio Candido, “O Significado de Raízes do Brasil”, em Prefácio a Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*. 5.ª ed., revista. Rio de Janeiro, José Olímpio, 1969, p. XII. Neste famoso prefácio, o Professor Candido discute o estudo de Sérgio Buarque, comparando-o, em grandeza, a *Casa-Grande & Senzala*, e a *Formação do Brasil Contemporâneo*, de Caio Prado Junior.

tação e reconstituição da formação e desintegração da sociedade patriarcal brasileira, considerada na sua totalidade de inter-relações, tanto no que diz respeito aos “valores-coisas” (roupas, móveis, objetos pessoais), como “valores-imateriais” (ideologias, símbolos, valores, idéias, palavras, ritos sociais, ideais de raça).<sup>8</sup> (OP: XXXII)

Aqui se encontra, como já referimos, a característica distintiva de *Ordem e Progresso* em relação ao conjunto da obra do autor — o recurso intensivo às técnicas de história de vida e história oral, utilizadas para captar o sentido daqueles “valores” materiais e imateriais para os brasileiros que viviam o momento de desorganização do Brasil monárquico. As perguntas foram feitas a mais de mil pessoas. Trezentas responderam ao inquérito, oralmente ou por escrito. Os questionários traziam perguntas específicas — “dirigidas” ou “provocadas” —, além de outras de caráter mais geral, para que os entrevistados pudessem escrever livremente e lembrar espontaneamente o que lhes vinha à cabeça.<sup>9</sup> Essas confissões, esclarece Gilberto Freyre, “só nos foi possível reuni-las num esforço aparentemente fácil, na verdade difficilimo, de bisbilhotice disfarçada em investigação sociológica”. (OP: XXI)

Várias pessoas que responderam ao inquérito já não estavam vivas na época em que o livro foi publicado. Foram entrevistados velhos aristocratas do Império, senhores de engenho e usineiros, fazendeiros do café, religiosos, profissionais liberais e militares, comerciantes, operários e funcionários públicos, políticos, jornalistas, pais de santo, “mulheres das chamadas alegres” e mulheres da elite brasileira. Antigos escravos forneceram informações importantes sobre suas relações com os senhores, os ritos religiosos, suas crenças, seus cantos, sua vida de trabalho. Segundo Freyre, durante as entrevistas, alguns depoentes se emocionaram ao lembrarem acontecimentos vividos durante a infância ou adolescência.

O questionário visava obter verdades diferentes, incompletas e mesmo contraditórias de pessoas que viveram e compartilharam da intimidade de um tempo social, permitindo, através da comparação dos depoimentos, compreender o que de mais íntimo ocorreu em uma época já extinta. O objetivo era conseguir dos entrevistados “diferentes reações aos mesmos estímulos ou às mesmas provocações de memória ou de sensibilidade”. (OP: XXVII)

Gilberto Freyre chama a atenção para a dificuldade em conquistar a confiança do entrevistado. Em geral, a literatura sobre o tema é unânime em

<sup>8</sup> Para designar *Ordem e Progresso* utilizarei OP ao longo de todo o texto.

<sup>9</sup> Ver anexo questionário que serviu de base às autobiografias.

afirmar que o contato com o depoente não é uma tarefa muito fácil.<sup>10</sup> Algumas pessoas têm receio de contar fatos que foram problemáticos ou que marcaram de forma negativa as suas vidas. Aqueles que concordam em relatar acontecimentos desagradáveis de seu passado, o fazem quase como confissão a um religioso. Nas palavras de Freyre, “houve [entre os entrevistados], quem nos fizesse confidências como a um padre”. (OP: XX)

Os mais resistentes às respostas escritas foram “os que se consideravam mais traumatizados por certos acontecimentos da época sob análise; ou sob fortes sentimentos de culpa”. (OP: XXVII). As viúvas de Joaquim Nabuco e de Alberto Torres, o Presidente Artur Bernardes, Roquette-Pinto, dona Laurinda Santos Lobo, entre outros, recusaram-se a responder por escrito ao questionário, mas não se negaram a falar sobre pontos específicos. Outros concordaram em responder ao inquérito sob a condição de que seus nomes ou depoimentos não fossem revelados. Os mais idosos e/ou analfabetos e, especialmente, ex-escravos prestaram depoimentos orais.

Algumas pessoas recusaram-se a dar qualquer resposta. Getúlio Vargas, depois de ler atentamente cada pergunta, observou: “Este inquérito descobre qualquer um. E eu não sou homem que se descubra, mas que deve ser descoberto”. A mesma atitude teve Monteiro Lobato. Na sua opinião,

quem conseguisse uma resposta sincera de todos os homens que significam alguma coisa no país, teria reunido elementos para a solução dum enorme *Nosce te ipsum* [“Conhece-te a ti mesmo”]. (OP: XLI)

Freyre agradece aos amigos e colaboradores que durante anos o ajudaram na coleta do material e ao considerável número de depoentes que responderam, de forma minuciosa e detalhista, ao questionário. Agradece, especialmente, a

Doninha de Sigismundo, pecadora arrependida, que, velha e vestida de preto, como a mais severa das viúvas, contou-nos há anos, durante meses a fio, intimidades da vida sexual de ilustres homens de governo. (OP: XXI-XXII)

Outros tipos de fonte histórica também foram utilizados pelo autor em sua obra. Em especial, documentos pessoais guardados em arquivos de família: correspondências, cartões postais, diários, escrituras, inventários, testamentos, álbuns de família, cadernos escolares, livros de cozinha, porcelanas, cristais

---

<sup>10</sup> Ver Angela Castro Gomes, [nota sem título], Mesa-Redonda sobre história oral e história de vida: temas e abordagens. Terceiro Encontro de História e Saúde, Casa de Oswaldo Cruz. In *Cadernos de História e Saúde*, Casa de Oswaldo Cruz, n.2, 1992.

e peças de vestuário que ilustravam aspectos importantes da vida nacional. Entre os principais arquivos de família pesquisados pelo autor, podemos destacar o da Família Imperial e o da Família Joaquim Nabuco. Foram pesquisados também coleções de rótulos de cigarros, de leques, de caixas de rapé, de camafeus, além de jornais e revistas de época, caricaturas e crônicas, literatura nacional e estrangeira.

Uma importante fonte documental utilizada por Freyre foram as fotografias de época. Segundo o autor, as fotos retratam o viver patriarcal: antigas casas e sobrados, ruas, móveis, bares, bondes, automóveis, obras públicas, mudanças arquitetônicas, brasileiros ilustres do fim do Império e primeiras décadas da República. As coleções particulares, que teve a oportunidade de conhecer, indicavam o forte gosto do brasileiro pelas fotografias, em especial, pela fotografia de pessoas.

Falando sobre a importância antropológica e sociocultural que representam as fotografias, em “Por uma Sociofotografia”<sup>11</sup>, Freyre diz que

a fotografia interessando à antropologia física, pelo que documenta de tipos físicos ou de biótipos, de uma população regional ou nacional, vai além; documenta a ação ecológica do ambiente e aculturativa da sociedade sobre esses tipos, como que virgens, sem esses impactos de caracterizações socioculturais, através de modos de trajar, de calçar, de pentear, de adorno pessoal, de homens, de mulheres, de crianças, que constituem os sinais mais ostensivamente cotidianos de presenças socioculturais sobre homens apenas indivíduos biológicos.

Como se vê, a abertura de Freyre para técnicas de apreensão da realidade se estende além da história oral, atingindo outras áreas em que pioneiramente trabalhou, como é o caso do emprego da fotografia e de sua legitimidade para as ciências sociais.

Foi visitando antigas fazendas de açúcar e senzalas, velhos sobrados, igrejas, ruas, becos típicos de cada região, escutando o som “fanhoso” de antigos instrumentos utilizados por ex-escravos e pela elite da época, “acariciando” bonecas e roupas já gastas pelo tempo, remexendo álbuns de família, observando objetos de escritório<sup>12</sup>, lendo correspondências, diários, testamen-

<sup>11</sup> Em *O Retrato Brasileiro: fotografias da Coleção Francisco Rodrigues 1840-1920*. Rio de Janeiro: FUNARTE/Núcleo de Fotografia, Fundação Joaquim Nabuco/Departamento de Iconografia, 1983. pp.15-24.

<sup>12</sup> Vários objetos de época foram oferecidos ao autor, que se refere ao tinteiro que pertenceu a Joaquim Murtinho, ofertado por sua sobrinha, Laurinda Santos Lobo, e a um pegador de papel que foi de Joaquim Nabuco, doado por sua mulher.

tos, poemas e modinhas da época, que tomou contato com o ambiente patriarcal e escravocrata em que os entrevistados viveram. (OP: XX)

Ao descrever detalhes do dia-a-dia de brasileiros pertencentes às classes sociais mais abastadas, Freyre destaca a importância que tinham as roupas íntimas ou a *lingerie* para as classes médias e altas da sociedade. Para o brasileiro de boa família, a qualidade de suas “ceroulas”, meias e camisas era fundamental, pois “era o traje que fazia o *gentleman*”. (OP: CXXIV) Os depoimentos de “Doninha de Sigismundo”, já referidos, foram, segundo o autor, extremamente importantes. Com base em seus relatos, Freyre pôde saber sobre a vida de amantes de brasileiros importantes, na maioria casados e “bem situados nas suas profissões e na sociedade”. (OP: CXL) O autor recupera também detalhes do cotidiano do homem comum: a paixão brasileira pela loteria e pelo jogo do bicho, o gosto pela cerveja, a importância do dente de ouro como *status* social, etc.

Nada escapava aos olhos do observador perspicaz da vida social e cultural dos brasileiros. A questão do homossexualismo entre militares e alunos de escolas católicas tradicionais não lhe passou despercebida. Freyre foi também um pioneiro no tratamento do tema. O intelectual socialista Astrojildo Pereira fala em seu depoimento sobre as intimidades entre meninos nos colégios que freqüentou no Rio de Janeiro. (OP: CXLVII) As amizades amorosas não se restringiam apenas aos meninos e homens. De acordo com alguns depoimentos, nos colégios para a educação de moças eram comuns as “proteções exageradas” de meninas veteranas às novatas. Pedro Paranhos, sobrinho do Barão do Rio Branco, concedeu, segundo Freyre, importante depoimento oral sobre este assunto. (OP: CXLIX)

Na tentativa de resumir as principais características do período estudado — considerado no conjunto dos seus aspectos sociais e culturais — Freyre não poderia deixar de considerar as informações sobre as doenças que vitimavam a população brasileira e o modo como essas doenças tocavam a personalidade de homens ilustres de nossa sociedade. O final do século 19 e início do 20 foi marcado por surtos de varíola, cólera, malária, febre amarela, tuberculose. O brasileiro foi vítima principalmente da sífilis, “tantas vezes inimiga dos grandes homens através dos seus nervos”. (OP: CLII) Tobias Monteiro, amigo íntimo e secretário particular de Rui Barbosa, fala em seu depoimento sobre os terríveis ataques de fúria de Rui, que, como outros brasileiros, teria sido “tocado em sua personalidade” por esta doença. Freyre revela que a sífilis foi companheira íntima da “grandeza intelectual e artística” de homens como o Barão do Rio Branco, Joaquim Nabuco, Graça Aranha, Deodoro da Fonseca, Cândido Rondon, Afonso Celso, Prudente de Moraes, Vital Brasil, Rodrigues



Alves, Epitácio Pessoa, Miguel Couto, Oswaldo Cruz, Pereira Passos e Pandiá Calógeras.

É interessante como, para “aquele Gilberto” — o Gilberto da melhor fase, elogiado pela crítica<sup>13</sup> —, os fatos eram relevantes na medida em que revelavam atitudes e valores culturais não imediatamente percebidos. Era o Gilberto das “miudezas históricas”. Tingir os cabelos e bigodes, nos últimos anos do reinado de Pedro II, foi para muitos brasileiros uma forma de contestar os valores do passado e consagrar os do futuro.

O Império morria a olhos vistos sob as barbas branquíssimas — branquíssimas e jamais maculadas por tintura ou pomada — de Pedro II, com as quais contrastava então o preto ou o castanho das barbas de jovens líderes republicanos. (OP: CXXXII)

O marco cronológico que orienta *Ordem e Progresso* contempla o período que se estende de meados do século 19 (Lei do Ventre Livre) ao final da segunda década do século 20 (começo da Presidência Epitácio Pessoa). O objetivo era trabalhar com quatro gerações — bisavós, avós, pais e filhos — em quatro tempos distintos, formando entretanto o que Freyre define como “um tempo sociologicamente único”. (OP: XXI) O autor procurou articular o passado social e cultural dos entrevistados com o seu presente e, em alguns momentos, com o seu próprio futuro, criando, assim, uma interdependência entre esses três tempos. Na sua concepção, é impossível separar, sociologicamente, o passado do presente, na medida em que o tempo “é psicológica e socialmente composto de variáveis que se alteram conforme o ritmo em que os vivem [...] diferentes subgrupos”. (OP: XXXIX)

#### UMA PALAVRA SOBRE O MÉTODO

As primeiras entrevistas realizadas por Gilberto Freyre para o livro *Ordem e Progresso* datam do final dos anos 30. No entanto, assinale-se que, enquanto Freyre escrevia suas primeiras grandes obras — *Casa-Grande & Senzala* e *Sobrados e Mucambos* — ele colhia material empírico que seria utilizado, mais tarde, em *Ordem e Progresso*. Na verdade, o que desejamos sugerir é que o autor já vinha aplicando, de longa data, a técnica de história oral.

Em 1939, Freyre publicou um livro intitulado *Açúcar. Algumas receitas de doces e bolos dos engenhos do Nordeste*. Nesse livro, mostra a forte influência do açúcar em vários aspectos da vida brasileira, especialmente, sobre “a comida, sobre a cozinha, sobre as tradições portuguesas de bolo e de

<sup>13</sup> Ver nota 5.

doce”.<sup>14</sup> O autor recolheu receitas de alguns doces, bolos e sorvetes tradicionais das casas-grandes de engenho. Foi conversando com senhoras da elite e “antigas negras quituteiras” que conseguiu anotar várias receitas e descobrir antigos segredos no preparo de bolos e doces. Segredos conservados durante anos em famílias de engenhos pernambucanos, alagoanos, paraibanos, maranhenses. Algumas receitas receberam nomes de famílias importantes do Nordeste — Souza Leão, Tia Sinhá, Cavalcanti. A receita do famoso bolo Souza Leão foi fornecida por Dona Carmem Magarinos de Souza Leão.

Seu interesse pela culinária brasileira foi, mesmo, anterior à publicação de *Açúcar*. Desde 1924, Gilberto Freyre já vinha escrevendo no *Diário de Pernambuco* e depois em *A Província*, exaltando nossas tradições culinárias. Em alguns artigos era comum reproduzir receitas antigas de comidas típicas brasileiras, anotadas por Freyre, durante suas conversas com velhas quituteiras. Segundo Luís Jardim,

Foi sua sensibilidade, voltada para aspectos que muito letrado, adstrito a miudezas históricas, supunha não ter a menor significação, que conquistou, para muitos de nós, essa nova zona de valores intimamente brasileiros.<sup>15</sup>

Leia-se o artigo sob o título “Encanta Moça” publicado em *Artigos de Jornal*.<sup>6</sup> Criticando a mudança de nome da rua “Encanta Moça”, considerado pelo Instituto Arqueológico de Pernambuco sem nenhum significado histórico e fruto das superstições populares, diz Freyre: “Ora, a grande história é a social. É a história íntima... E da história íntima fazem parte as superstições, as ilusões, os mitos”.<sup>17</sup> Freyre deu sentido social e valorização artística a estes temas. Procurou interpretar a vida brasileira, os ambientes regionais na sua totalidade, na sua variedade e no seu movimento. Nas palavras de Luis Jardim,

a cada coisa, expressão da nossa ‘cultura’, que ia passando despercebida, dava Gilberto Freyre uma interpretação nova, de que resultava um encanto, um interesse, um sentido especial.<sup>18</sup>

<sup>14</sup> Gilberto Freyre, *Açúcar. Algumas receitas de doces e bolos dos engenhos do Nordeste*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1939, p. 10.

<sup>15</sup> Citação de Luís Jardim retirada do prefácio do livro *Artigos de Jornal*, de Gilberto Freyre. Recife: Edições Mozart, 1935.

<sup>16</sup> Gilberto Freyre, *Artigos de Jornal*. Recife: Edições Mozart, 1935. Os artigos reunidos neste livro por iniciativa de Luís Jardim representam a primeira fase de colaboração de Gilberto Freyre no *Diário de Pernambuco*, entre 1922 e 1925.

<sup>17</sup> *Ibid.*, op. cit., p. 79.

<sup>18</sup> *Ibid.*, op. cit., p. 18.

Freyre partia da suposição de ser um indivíduo dotado de alguma empatia, ou seja, da capacidade de “ver”, compartilhar e participar, pela sensibilidade, dos sentimentos e emoções do outro. Segundo o autor, a compreensão, reconstituição e principalmente a *interpretação* da realidade de uma determinada ordem social requer que o sociólogo e o historiador se tornem “íntimos” das relações entre os indivíduos que viveram aquela realidade e os seus valores. (OP: XXXVIII)

Sem empatia, não é possível o estudo do passado assim amplo e intenso a um tempo; social e pessoal. Estudo que nos transmita do passado humano um pouco do que nele foi valor vivo, símbolo vivo; ou existência, vivência, experiência condicionada por valores e símbolos. (OP: XXXIII).

O método adotado por Gilberto Freyre em *Ordem e Progresso* recebeu críticas favoráveis e contrárias, na época em que foi publicado. Alguns críticos estrangeiros, especialmente franceses, definiram seus estudos como “modelos metodológicos que faltam à América espanhola, à anglo-saxônica e à própria Europa”. A opinião desses críticos, no entanto, não coincidiu com a de alguns sociólogos brasileiros que não consideravam a *life history* como um método “ortodoxamente sociológico”. (OP: XXXV) Alguns historiadores e sociólogos “de feitio convencional e ortodoxo”<sup>19</sup>, como define Freyre, fizeram duras críticas à sistemática adotada no ensaio: a adoção do método de história de vida e a utilização de testemunhos orais. Alguns críticos consideraram determinadas afirmações, ditas ou escritas pelos depoentes, impregnadas de contradições e inexatidões.

No prefácio à segunda edição de *Ordem e Progresso*, Freyre responde a essas críticas afirmando que embora algumas verdades particulares conttenham certas inexatidões, elas são importantes para o conhecimento da “verdade geral”, característica de uma mesma época. Citando um historiador norte-americano<sup>20</sup>, diz que “um dos valores principais das [histórias de vida] é que enquanto nem sempre apresentam ‘a verdade’, indicam sempre o que os seus autores pretendiam que fosse considerada essa verdade”. (OP: III)

---

<sup>19</sup> Freyre cita como um dos principais críticos de *Ordem e Progresso* o intelectual mineiro e positivista Ivan Lins. Lins indignou-se com os depoimentos de antigos monarquistas contrários ao novo regime. Outro crítico citado pelo autor foi Daniel de Carvalho — ex-Ministro da Agricultura. Daniel de Carvalho critica veementemente o depoimento de Astrojildo Pereira, considerado um “quase cafajeste” pelo ex-Ministro em virtude de suas críticas negativas aos colégios católicos.

<sup>20</sup> Herman Ausubel, Professor da Universidade de Colúmbia e autor do livro *Historians and their Craft*, publicado em 1950.

Segundo Freyre, foi sob esse critério de interpretação da história de uma sociedade que se tentou elaborar, em *Ordem e Progresso*, não apenas a reconstituição da sociedade patriarcal, mas, especialmente, a interpretação de um período de nossa história. O autor pretendia com este tipo de análise social, elaborar, através do confronto entre verdades contraditórias, uma “nova” verdade histórica, que sem ser absoluta, única ou lógica, fosse geral e não peculiar apenas aos historiadores ou sociólogos convencionais. Uma verdade que não leve em conta apenas o “tempo cronológico”, mas, que “penetre o tempo vivido pelo homem social”. (OP: XIV)

Segundo o autor, somente através da reunião e comparação de verdades contraditórias e de visões e experiências distintas é possível entender a história “íntima” de uma sociedade numa época considerada, pois cada indivíduo vê a vida, os fatos e os acontecimentos sob pontos de vista diferentes. Cada indivíduo é “portador de uma verdade válida, parcialmente, para a época, embora, em sua pureza ou em sua totalidade, várias dessas verdades venham a revelar-se inexatidões quase completas ou parciais”. (OP: III) Neste sentido, baseia-se em Ortega y Gasset quando diz que “visiones distintas” não são excludentes: “sino al contrario han de integrarse, ninguna agota la realidad”.<sup>21</sup> (OP: XVIII - b)

Freyre cita autores da psicologia social norte-americana para fundamentar suas explicações. Já mencionamos sua referência a W. I Thomas. Emory

---

<sup>21</sup> Esta posição é defendida por Guita G. Debert em trabalho sobre o emprego das histórias de vida e oral na reconstrução social. Em seu trabalho, a autora nos brinda com uma bela citação de C. Geertz, em *A interpretação das culturas*: “Mas o poeta [...] nunca faz qualquer declaração real, e nunca, certamente, declarações particulares e específicas. O trabalho do poeta não é contar o que aconteceu, mas o que está acontecendo: não aquilo que ocorreu, mas a espécie de coisas que está sempre ocorrendo”. A autora enfatiza a importância de relatos contraditórios que retratam a própria diversidade de uma época ou os vários olhares sobre um fenômeno. Ver Guita G. Debert, “Problemas relativos à utilização da história de vida e história oral” in Ruth C. L. Cardoso (org.) *A aventura antropológica. Teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. Marieta de Moraes Ferreira, em artigo sobre os problemas do uso da metodologia da história oral nos dias de hoje, chama a atenção para a existência de duas linhas de trabalho no campo da história oral. Uma primeira trabalha com depoimentos orais como complemento da documentação escrita. Uma segunda linha, que nos interessa mais diretamente, privilegia as relações entre história e memória. Para essa vertente, as contradições de memórias não são vistas como aspectos negativos para o uso da história oral, pois “as distorções da memória podem se revelar mais um recurso do que um problema, já que a veracidade dos depoimentos não é a preocupação central”. Note-se que toda essa passagem vai ao encontro das concepções de Freyre. Marieta de Moraes Ferreira (coord.) *Entre-vistas: abordagens e usos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1994, p. 10.

Bogardus é outro dos autores citados, para os quais mesmo que ocorram inexatidões nas respostas do entrevistado, por falhas de memória ou de lembrança, a história de vida terá sempre importância significativa, pois suas falhas ou distorções de lembrança, mais do que os acontecimentos tais como “aconteceram, é que explicam suas reações a esses acontecimentos”. (OP: XXXVII)

#### A ATUALIDADE DO DEBATE

As posições defendidas por Gilberto Freyre décadas atrás encontram perfeita sintonia com o debate atual. Basta uma breve discussão de alguns textos recentes para que se revele a atitude inovadora do autor de *Ordem e Progresso*. Nos dias atuais o debate em torno da utilização da técnica de história oral na reconstrução histórica repõe aquelas questões, não resolvidas décadas atrás. Se contemplamos estas questões quase três décadas após a publicação da obra de Gilberto Freyre, o que vemos? Ainda são grandes os obstáculos e limitações em torno da utilização das fontes orais na reconstrução social. Existe por parte de alguns historiadores tradicionais um ceticismo quando ao valor dos testemunhos e depoimentos orais na construção do passado de uma sociedade. Na visão desses historiadores, a história deve ter por instrumento essencial e fundamental os documentos escritos.

Existe toda uma literatura que indica um caminho oposto. Os trabalhos de Paul Thompson (1992), Gwyn Prins (1992), Maria Isaura Pereira de Queiroz (1994), entre outros, defendem o valor das fontes orais na construção da história social moderna e tentam entender os motivos de tanta resistência a este tipo de fonte histórica.

Thompson, em *A voz do passado*, diz que a reação contrária à evidência oral é “muito mais fundamentada no sentimento do que no princípio”.<sup>22</sup> Para Thompson, os novos métodos de investigação histórica não são vistos pelos historiadores tradicionais como essenciais no estudo das sociedades modernas, pois representam, na verdade, uma ameaça à hegemonia do saber tradicional. Thompson chama a atenção para a relevância da fonte oral no estudo de várias áreas de conhecimento: História Econômica, História da Ciência, História Cultural, História Política, História Social.

Gwyn Prins, em seu artigo “História oral”, contesta o ceticismo de muitos historiadores quanto ao valor das fontes orais. Para eles, este tipo de fonte, não documental, “jamais edifica hipóteses importantes”, mas sim imprecisas e insatisfatórias, porque, ao contrário da palavra escrita, a fonte oral não possui

<sup>22</sup> Ver Paul Thompson, *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 63.

precisão na forma e na cronologia. Para Prins, “a força da história oral é a força de qualquer história metodologicamente competente”. A relação entre as fontes escritas e orais não deve ser de mão única. As fontes orais não devem ser vistas, segundo Prins, como simples “substitutas” dos documentos escritos. As fontes orais “corrigem as outras perspectivas, assim como as outras perspectivas as corrigem”.<sup>23</sup>

Maria Isaura Pereira de Queiroz mostra, em seu trabalho, que desde o século 18 já era evidente a necessidade da utilização de outros tipos de fontes documentais, que não só os documentos escritos, na reconstrução histórica.<sup>24</sup> Segundo a autora, a falta de continuidade das séries de documentos era um problema para os historiadores e a História era, dentre todas as ciências, a que piores condições apresentava ao estudioso. Citando Marc Bloch ao criticar a história *historizante*, demasiadamente atrelada aos documentos escritos, destaca o que ele denominou de uma “história total”. Esta se apoiaria tanto em dados escritos quanto em fontes não escritas. A partir daí, houve uma valorização dos relatos pessoais, especialmente da história de vida das camadas populares. Esses relatos permitiam compreender o modo de ser de uma determinada sociedade; suas tradições, seus costumes e crenças. Maria Isaura Pereira de Queiroz lembra, no entanto, que

nenhum material colhido de uma só maneira pode ser suficiente para espelhar a realidade. Como as demais técnicas, também esta [a história oral] é insuficiente e deve ser completada com dados de outras fontes.<sup>25</sup>

Tal como faz Gilberto Freyre.

#### OS “LIVROS-FONTES” DE GILBERTO FREYRE

A diversidade e amplitude que marcaram sua produção estão presentes na utilização de livros-fontes. Além da utilização da técnica de história oral e de documentos pessoais, o autor utilizou a literatura nacional e alguma estrangeira referente ao final do Império e ao primeiro período republicano no Brasil, escrita, especialmente, por autores que viveram na época em estudo. (OP: LXVI)

<sup>23</sup> Jan Vansina, citado em Gwyn Prins, “História Oral” in Peter Burke (Org.) *A Escrita da História*. Novas Perspectivas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992, p. 163/164.

<sup>24</sup> Maria Isaura Pereira de Queiroz, “História, História Oral e Arquivos na visão de uma Socióloga” in Marieta de Moraes Ferreira (org.) *História Oral e Multidisciplinaridade*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994.

<sup>25</sup> Op. cit., p. 111.

Os primeiros tempos da República no Brasil, tanto quanto o Império, foram o cenário de manifestações intelectuais diversas, posições políticas contrárias, ideologias antagônicas e diferentes interesses econômicos. Segundo Freyre, para o maior domínio deste passado impõe-se o maior conhecimento possível da bibliografia produzida neste período de nossa história.

Como compreendermos bem o antagonismo entre Rui Barbosa e Pinheiro Machado, sem conhecermos os antecedentes gaúchos e dizem que até ciganos de um Pinheiro Machado — sua vida, toda de aventuras e de gestos de ‘caudillo’ valente, (...) — e os antecedentes, a formação, a personalidade de Rui, nascido, criado a chá e amadurecido antes do tempo na Bahia. (OP: LI/LII)

Utilizou biografias, autobiografias, memórias e diários de brasileiros nascidos no Império (Barão do Rio Branco, Barão de Lucena, Rodrigues Alves, Joaquim Nabuco) e de brasileiros nascidos já quase na República (Prudente de Moraes, Silva Jardim, Quintino Bocaiúva, Julio de Castilhos, Pinheiro Machado, Rui Barbosa, Nilo Peçanha). Dentre esses todos, ardorosos monarquistas e republicanos. As publicações retratando os antagonismos políticos entre partidários da República e simpatizantes da Monarquia foram vastamente utilizadas pelo autor.

Grandes nomes da vida cultural, como Euclides da Cunha, Alberto Torres, Monteiro Lobato — ainda que em momentos diferentes — procuravam salientar a importância de aspectos de problemas sociais. Nessa linha de pensamento sobre os problemas sociais, em que discute amplamente a “questão racial”, Freyre utilizou os trabalhos de Euclides da Cunha, *Os Sertões*, de Graça Aranha, *Canaã*, e de Monteiro Lobato, *Problema Vital*; além dos estudos de Nina Rodrigues sobre o negro brasileiro, os de José Veríssimo sobre a vida amazônica, os de Alberto Torres sobre “a organização nacional” e os de Silvio Romero sobre o folclore brasileiro. Sobre a história diplomática e a geografia histórica do país, foram utilizadas as obras de Nabuco, Euclides da Cunha, Oliveira Lima, Pandiá Calógeras, Tobias Monteiro, entre outros.

Na bibliografia estudada por Freyre não faltaram livros sobre a moda no Brasil, coleções de modinhas, obras sobre a música popular, sobre a caricatura política e de costumes. Faz referência aos estudos de Fernando de Azevedo sobre a cultura brasileira, de Herman Lima sobre a caricatura e de Renato Almeida e Eduardo das Neves sobre a música popular (OP: LXXII).

Os estudos gramaticais, filosóficos e históricos sobre a língua portuguesa, os ensaios sobre Machado de Assis escritos por Alfredo Pujol e Oliveira Lima, além de documentos parlamentares, mensagens presidenciais e de governadores, foram privilegiados pelo autor. Foram aproveitadas, também, as

obras de estrangeiros que se revelaram observadores da cultura nacional e os artigos escritos por brasileiros publicados em periódicos estrangeiros.

Freyre chama a atenção para a “pobreza” de publicações sobre os problemas brasileiros de “economia social”, antropologia cultural e de sociologia: estudos sobre o modo de vida e de etiqueta do brasileiro — seus hábitos, sua alimentação, sua habitação, seu vestuário. Este período teria se caracterizado, também, segundo o autor, pela ausência de bons artigos sobre a medicina social brasileira, com exceção dos trabalhos de Oswaldo Cruz. (OP: LXXI).<sup>26</sup>

Para Freyre, uma época é definida, basicamente, pelo conjunto de elementos diversos que constituem ou constituíram a ordem social nela dominante (OP: XXXII). Diante desta diversidade, foram os livros-fontes utilizados pelo autor e as respostas a seu questionário pioneiro que permitiram a Freyre tornar possível ao “homem brasileiro de hoje penetrar em intimidades da existência vivida pelo de ontem”. (OP: XLIV)

Na organização da obra, alguns capítulos de *Ordem e Progresso* foram escritos sobre o lastro das informações retiradas dos depoimentos orais dos 183 brasileiros selecionados pelo autor. Outros basearam-se tanto nos documentos secundários quanto nos testemunhos orais. Grande parte dos capítulos, no entanto, foi elaborada com base nos livros-fontes. Ao esboçar uma introdução sociológica e antropológica da história da sociedade patriarcal brasileira, o autor procura utilizar os vários “pontos de vista” sobre acontecimentos e fatos que marcaram o período estudado, “de modo a conseguir-se uma síntese das suas contradições, dos seus vários tempos em conflitos, dos seus diversos interesses em jogo”, com o objetivo de entendê-la em seu conjunto (OP: CXVIII).

O capítulo que trata da ordem econômica foi escrito com base tanto nos “livros-fontes”, quanto nas informações retiradas dos testemunhos reunidos pelo autor. Nesta parte, os livros-fontes são utilizados para *situar* os testemunhos dos entrevistados. Os depoimentos vão girar em torno das mudanças ocorridas na economia nacional, nos primeiros anos da República, em virtude do impacto da abolição do trabalho escravo. Segundo Freyre, o surgimento de novas e “desordenadas” atividades provocou uma certa instabilidade financeira que se refletiu diferentemente nas economias dos Estados. Antigas áreas produtoras de açúcar entram em decadência, enquanto outros estados, como São Paulo, vivem um período de apogeu econômico. Outra região que atravessa

---

<sup>26</sup> Este é um ponto controvertido. Freyre parece esquecer-se, aqui, dos trabalhos dos integrantes da chamada Liga Pró-Saneamento que incluía autores como Monteiro Lobato, Belisário Pena, Artur Neiva, etc. Oswaldo Cruz foi, sem dúvida, uma figura de destaque na época.



uma fase de vitalidade na sua economia é a Amazônia, com o surto extraordinário da borracha.

Muito mais que uma análise da economia brasileira, o autor está preocupado em retratar as várias expressões da vida republicana, nestas duas regiões. Os depoimentos orais colhidos por Freyre são de brasileiros que “se deixaram fascinar pela aventura de vencer” em São Paulo e na Amazônia. Segundo Freyre, a preocupação com o progresso material foi um aspecto importante desse período. São Paulo passou a ser uma região de “casas-grandes, de senzalas, de barões e de escravos”. (OP: 289-390) Neste período, houve um “influxo social” das grandes famílias patriarcais do Norte e Nordeste agrários para o Sul. Atraídos pela opulência paulista muitos jovens foram para o Sul.

Tornaram-se então legião os moços do Nordeste e do Norte da República [...] que como bacharéis em Direito, médicos, engenheiros, militares, deixaram suas terras para se tornarem magistrados, burocratas, profissionais no Sul; ou para se ligarem pelo casamento a famílias sulistas, alguns se tornando genros de barões do café. (OP: 406)

Os testemunhos reunidos neste capítulo, assim como os livros-fontes, retratam, basicamente, esta opulência de São Paulo e o *glamour* da Amazônia. A vitalidade econômica de Manaus é demonstrada através das manifestações artísticas, da elegância de seus cafés e restaurantes, onde as senhoras da elite tomavam refrescos e sorvetes feitos com frutas amazônicas, onde os novos homens de negócio saboreavam uísque “Dewar’s” e ostentavam “chapéus-do-chile”. É de Joaquim Pereira Teixeira, baiano nascido em 1870, o depoimento sobre a imponência do Teatro de Manaus.

Era um teatro a que os homens iam de casaca; as poucas senhoras, de decote e cobertas de jóias; as muitas *cocottes*, ainda mais decotadas e mais cheias de jóias. (OP: 408)

Ainda segundo Pereira Teixeira, havia “quem dentre os novos-ricos, acendesse charutos com cédulas de cem mil-réis; quem fizesse correr de fontes, nos pátios dos palacetes, champanha em vez de água; quem mandasse vir de Paris pelo mesmo vapor inglês, não uma mas várias francesas”. (OP: 408)

No capítulo intitulado “A República de 89 e o Progresso da Miscigenação no Brasil”, Freyre apresenta os testemunhos e depoimentos referentes às perguntas 16a e 16b do questionário. (em anexo) sobre os problemas raciais no país. Segundo o autor, estando próxima — para grande parte dos entrevistados — a instituição do trabalho escravo, que estigmatizava o negro como

“raça inferior”, a preocupação arianista e eugênica parecia ser uma atitude generalizada entre a sociedade brasileira, nos últimos anos do século XIX e primeiros do século XX. Salvo algumas exceções, os testemunhos deixaram transparecer um forte preconceito racial.

Neste capítulo, os livros-fontes também foram utilizados para situar melhor os debates sobre raça e miscigenação. Tendo como base os livros-fontes, diz que ao começar o século XX, ainda éramos um “satélite espiritual” da França. As idéias — políticas, sociais e econômicas — que orientavam os fundadores de nossa República eram, na sua maioria, de origem francesa. Francesa também era a literatura consumida pela elite. A partir do final do século XIX e início do século XX, certa reação nacionalista começou a se fazer sentir, não só na música, nas artes, mas principalmente na literatura. Grandes nomes da vida cultural, como Euclides da Cunha, Alberto Torres, Monteiro Lobato, Roquette-Pinto, Afrânio Peixoto e Gilberto Amado procuravam abordar temas nacionais fora de uma ótica européia. Euclides da Cunha, através de *Os Sertões*, colocou no centro da análise não mais a elite refinada das cidades, mas as miseráveis populações do interior do Brasil.

Esses autores consideravam positivas, para a formação social do povo brasileiro, as relações interpessoais e inter-regionais entre negros, mulatos e brancos. Esta corrente de pensamento buscava revelar, segundo Freyre, o verdadeiro valor destes grupos, separados pelo traço de raça mas identificados pelo efeito do meio social e da experiência cultural.

A idéia de “superioridade racial” do branco era muito forte entre as elites brasileiras e considerada por muitos intelectuais como princípio “científico”. Nina Rodrigues, Joaquim Nabuco e Silvio Romero proclamavam-na abertamente. Segundo Freyre, esses autores foram influenciados fortemente pelas idéias do francês Gustavo Le Bon “e de outros sociólogos europeus e anglo-americanos de segunda e terceira ordem”, que consideravam a miscigenação fator de atraso e subdesenvolvimento. (OP: CLXII) Para este grupo de brasileiros, todos os problemas da pátria estavam relacionados às diferenças sociais e culturais existentes entre as “raças”. O mestiço era visto como um elemento nocivo à sociedade.

Os depoimentos selecionados pelo autor, neste capítulo, deixam claro o modo como os brasileiros consideravam a questão racial no país e fornecem subsídios que permitem entender de que maneira a sociedade vivenciou esse processo. Heitor Modesto D’Almeida<sup>27</sup>, em seu depoimento, confessa que sempre simpatizou com a Abolição, apesar de considerar o mulato “o inimigo

---

<sup>27</sup> Nasceu em Minas Gerais, em 1881. Formou-se em jornalismo. Formação católica.

natural do branco” (OP: 352). Tomás Pompeu de Souza Brasil Sobrinho<sup>28</sup> demonstra ser totalmente contrário à escravidão. Quanto ao casamento de membros da família com pessoas de cor, diz que “tudo depende de uma combinação de ordem educativa e qualidades pessoais de caráter psíquico”. (OP: 352) Antenor Nascentes<sup>29</sup> esclarece em seu depoimento que, “sendo um mulato, minha atitude para com negros e mulatos não podia deixar de ser a da maior solidariedade, porque desde muito criança senti a inferioridade social do homem de cor em nosso país”. (OP: 352) João Barreto de Menezes<sup>30</sup> — filho de Tobias Barreto — diz não ter nenhum tipo de preconceito em relação a negros e mulatos, pois “não foi a sociedade que fez o mulato, mas este é que entrou para a sociedade brasileira pela porta de sua história. Ele está dentro de nós. O brasileiro, embora arrogando-se de limpidez ariana, é sempre um mulato de espírito”. Quanto ao casamento de filhos ou irmãos com pessoas de cor, diz que receberia de bom grado. (OP: 355) Já Dona Carlinda Custódia Nunes<sup>31</sup> apesar de sentir “pena” dos negros e mulatos acha que é preciso “apurar a raça branca”. A mesma atitude demonstra o Padre Florentino Barbosa.<sup>32</sup> Durval Guimarães Espínola<sup>33</sup> lamenta o fato de nossa raça estar totalmente “degenerada” em virtude da forte miscigenação. O escritor Leonel Vaz de Barros<sup>34</sup> via o casamento entre branco e negro “como uma aberração de péssimo gosto”. (OP: 356) Plínio Barreto<sup>35</sup> diz em seu depoimento, que ficaria muito constrangido se algum membro de sua família se casasse com um negro ou mulato “salvo se tratasse de pessoa excepcional pela inteligência e pela cultura. Todavia, se tratasse de um caso de amor, o constrangimento desapareceria”. (OP: 356) Adolfo Faustino Porto<sup>36</sup> estabelece uma gradação para justificar a sua visão sobre coloração pigmentaria. Segundo ele, “o branco, nessa gradação, vem em primeiro lugar, seguindo-se-lhe o índio, o mulato e, por fim, o negro. A cor preta não é uma síntese, como a branca. É a própria ausência de

---

<sup>28</sup> Nasceu no Ceará, em 1888. Formou-se em Engenharia pela Escola de Minas de Ouro Preto.

<sup>29</sup> Nasceu no Rio de Janeiro, em 1886. Formou-se em Filologia. Formação católica.

<sup>30</sup> Nasceu em Pernambuco, em 1872. Formou-se em Direito. Formação católica.

<sup>31</sup> Nasceu no Rio de Janeiro, em 1874. Doméstica. Formação católica.

<sup>32</sup> Nasceu na Paraíba, em 1881.

<sup>33</sup> Nasceu na Bahia, em 1882. Agricultor e tabelião de notas. Formação católica.

<sup>34</sup> Nasceu no interior de São Paulo, em 1890. Formou-se em Jornalismo. Formação católica.

<sup>35</sup> Nasceu em Campinas, em 1882. Formou-se em Direito e Jornalismo. Formação católica.

<sup>36</sup> Nasceu em Olinda em 1887. Bacharel em Direito pela Faculdade Livre do Rio de Janeiro. Jornalista. Formação católica.

cor". (OP: 357). Luís Milton Prates<sup>37</sup> diz ser totalmente favorável à abolição da escravidão, mas quanto ao casamento "receberia sem nenhum entusiasmo". (OP: 358) O político Luís de Toledo Piza Sobrinho<sup>38</sup> diz que sempre tratou com carinho e respeito negros e mulatos, mas não conseguiria ver com agrado o casamento de uma filha ou filho com uma pessoa de cor. Nas suas palavras, "há em mim forças ancestrais invencíveis". (OP: 360) O depoimento do pastor protestante Guaracy Silveira é realmente fantástico. Segundo ele, se tivesse nascido negro procuraria casar com uma mulher mais clara,

para ir melhorando as condições, de modo que meus filhos tivessem uma condição melhor. Como branco, [...] não acharia razoável casar-me com uma delas, pois creio que meus filhos não me perdoariam lançá-los ao mundo para sofrerem as humilhações da cor. (OP: 360)

Na opinião de Luís Gonzaga de Melo<sup>39</sup>, "cada macaco no seu galho". (OP: 363)

#### ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente texto procura mostrar a importância da tradição oral na interpretação macro e micro-sociológica de Gilberto Freyre. Procurou-se, também, chamar a atenção para a utilização de vários tipos de fontes documentais, sejam documentos escritos, orais, ou iconográficos, na reconstrução histórica. A história oral não tem, para Freyre, nenhuma superioridade intrínseca sobre outras técnicas ou métodos de abordagem. É o problema que define a fonte a ser utilizada. A relevância da história oral é definida pelo tipo de questão estudada. Assim, como se procurou mostrar, certos capítulos são mais marcados pelo uso de livros-fontes do que por depoimentos orais.

A tradição oral é, sem dúvida, como apontou José de Alencar, uma fonte importante da história. Mas, como as demais técnicas empregadas isoladamente, os documentos orais não são suficientes para retratar a realidade. A produção de conhecimentos deve basear-se tanto em depoimentos orais quanto em dados de outras fontes.

Há ainda uma segunda preocupação no texto que é a de mostrar o pioneirismo de Gilberto Freyre na utilização das histórias oral e de vida como fonte de informação para suas pesquisas, nas décadas de 30 e 40. Ao discutir

---

<sup>37</sup> Nasceu em Minas Gerais, em 1888. Foi deputado federal pelo estado de Minas Gerais. Formação católica.

<sup>38</sup> Nasceu em São Paulo, em 1888. Formou-se em Jornalismo. Deputado Federal pelo Estado de São Paulo. Formação católica.

<sup>39</sup> Nasceu no Ceará, em 1880. Agricultor. Formação católica.

o pioneirismo de Freyre na utilização da história oral no Brasil, este trabalho procurou mostrar que vários caminhos retomados *hoje* por historiadores e cientistas sociais, foram trabalhados em *Ordem e Progresso*. Ao entrevistar pessoas das classes senhoriais, mulheres da vida e ex-escravos, Freyre inaugurou, no Brasil, uma técnica de conhecimento do mundo social que só recentemente se difundiu. Note-se, no entanto, que os pesquisadores têm privilegiado a história de vida dos grupos minoritários e discriminados da sociedade. Neste ponto, podemos afirmar que essas pesquisas aprofundaram uma tendência que se afasta do interesse preponderante de Freyre com os bem-nascidos. Ao entrevistar os excluídos — as prostitutas, por exemplo — Gilberto Freyre estava apenas interessado em “bisbilhotar” o modo íntimo de vida da elite brasileira. Mas, ao fazê-lo, Freyre também explorava, indiretamente, o cotidiano das camadas menos favorecidas.

Finalmente, uma última preocupação do texto é chamar a atenção para a importância dos trabalhos produzidos no Brasil a partir de meados do século, com base em pesquisas de história oral e de vida conduzidas um pouco antes, entre 30 e 50. A literatura que atualmente trabalha com metodologia de história oral e os problemas relativos à sua utilização tem dado pouca atenção a esta produção. Até recentemente, as técnicas de obtenção e conservação do saber, empregadas pelos cientistas sociais na obtenção do relato oral, não possuíam o grau de sofisticação que hoje caracteriza o trabalho nessa área de conhecimento. No entanto, não é possível negar a contribuição significativa de trabalhos como os de Gilberto Freyre no desenvolvimento desse campo de investigação no Brasil. Embora o uso de entrevistas orais fosse um procedimento corrente entre alguns cientistas sociais no Brasil naquela época, seus trabalhos não são, em geral, citados como referência pela literatura atual<sup>40</sup>, deixando na sombra a força e a relevância de métodos de pesquisa que proviham das ciências sociais e que tiveram na figura de W. I. Thomas, nos Estados Unidos, e na de Gilberto Freyre, no Brasil, alguns de seus expoentes.

---

<sup>40</sup> Lembremo-nos aqui de que os procedimentos da história oral também foram utilizados por Antonio Candido, em texto hoje clássico nas ciências sociais. O autor colheu depoimentos de pequenos agricultores no interior paulista nos anos de 1940 e 50 e os reproduziu em seu *Os parceiros do Rio Bonito*, publicado em 1964.

## ANEXO

Questionário enviado por Gilberto Freyre a mil brasileiros que viveram no final do Império e início da República

“1. Nome 2. Lugar onde nasceu (com descrição do mesmo lugar no tempo da sua meninice) 3. Escola ou colégio que frequentou (métodos, professores, colegas, castigos, brinquedos, jogos, trotes, livros escolares, estudo de gramática, de caligrafia, de matemática, festas cívicas, etc.) 4. Brinquedos, camaradagens, jogos e leituras de menino fora da escola 5. Quais os seus heróis do tempo de menino? Quem queria ser quando fosse grande? Que mais ardentemente queria ser? 6. Por que se fixou na profissão que veio a seguir? Onde fez os estudos profissionais? Professores, escolas e leituras desse período 7. Qual a sua impressão da República ao tempo da sua meninice e adolescência? 8. Qual a sua impressão de Santos Dumont ao tempo de sua mocidade e quando ele esteve no auge da glória? 9. Qual a sua atitude de menino, de jovem, de homem feito, para com: a) Paris; b) Europa; c) Igreja Católica; d) Positivismo; e) Darwin; f) os chamados Direitos da Mulher; g) o divórcio; h) o clero; i) o ensino no Brasil (primário, profissional, etc.) j) a oratória; k) Rui Barbosa em Haia; l) Rio Branco (o Barão); m) Nietzsche; n) Karl Marx; o) A. Comte; p) Spencer 10. Quais as danças ou modinhas de sua predileção no tempo de rapaz (ou mocinha)? 11. Frequentava café ou confeitaria? Restaurante ou Hotel? Clube? 12. Seus alfaiates (ou modistas)? Suas preferências de modas (inglesas, francesas, americanas)? Suas preferências em chapéus, calçados, roupas de dentro, guarda-chuva, bengala, jóias? 13. Quais os jornais e revistas brasileiros e estrangeiros, da sua preferência, no tempo de jovem? 14. Viagens que fez, quando moço, no Brasil e no estrangeiro? 15. Suas idéias de rapaz, de reforma social, em geral, de reforma social e política do Brasil, em particular? 16-a Sua atitude para com negros, mulatos, pessoas de cor? 16-b Como receberia o casamento de filho ou filha, irmão ou irmã, com pessoa de cor? De cor mais escura que a sua? 17. Outras reminiscências”.

**ABSTRACT**

*The article attempts to show the importance of oral and life history as a data collection procedure in Gilberto Freyre's social science. In his *Ordem e Progresso*, published in 1959, Freyre worked with oral narratives and written documents, collected in the 1930's and 40's, from Brazilians who had witnessed the disintegration of the patriarchal and slave-holding society. By comparing the statements of so many different people he was able to interview, Freyre tried to understand and interpret the "intimacy" of social relationships and ways of life during that period of Brazilian history. The social life he described was that of persons from all social classes, from the very illustrious and famous groups of the Brazilian society, to the world of the working classes and the destitute. In Brazil, the author was a pioneer in the use of oral and life histories as an empirical procedure in the social sciences, a technique that only much later, during the 1980's, became widespread among historians and his fellow social scientists. Furthermore, this essay calls attention to Gilberto Freyre's multidisciplinary approaches, methods and techniques of social study, which opened way to his pioneering use of oral and life histories in Brazil.*

**RÉSUMÉ**

*Cet article a pour objet démontrer l'importance des histoires de vie dans les études de Sciences Sociales de Gilberto Freyre. En "Ordre et Progrès", Freyre travaille avec des témoignages, oraux et écrits, recueillis entre 1930 et 1940, de brésiliens qui ont vécu et observé la désintégration de la société patriarcale et esclavagiste au Brésil. Atravers la comparaison des réponses, Freyre a pu comprendre et, principalement, interpréter le mode de vie intime de la société brésilienne de cette période de notre histoire. L'auteur voulait des rapports et des informations de personnalités illustres de notre société, autant que des classes populaires. En ce sens, il a inauguré une méthode de connaissance des relations sociales qui, seulement à partir des années 80, gagnera d'importance entre historiens et chercheurs sociaux au Brésil. En plus, le travail attire l'attention pour la flexibilité de l'auteur dans l'utilisation d'autres méthodes d'appréhension de la réalité, en dehors de l'histoire orale, dans laquelle il a été le pionnier.*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- \_\_\_\_\_, (1939) *Açúcar. Algumas receitas de doces e bolos dos engenhos do Nordeste*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora.
- \_\_\_\_\_, (1990) "O espírito da aldeia: a trajetória intelectual de Gilberto Freyre", n. 27, São Paulo: *Novos Estudos*, Cebrap.
- \_\_\_\_\_, (1993) "Aquele Gilberto", in *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Alencar, José de. (1948) *Iracema. (Lenda do Ceará)* São Paulo: Edições Melhoramentos, (1ª. edição, 1865).
- Amado, Janaina. (1994) "O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral". Trabalho apresentado no II Encontro Nacional de História Oral, 1994, e resumido em Marieta de Moraes Ferreira (Org.) *História Oral*. Rio de Janeiro: Diadorim.
- Araújo, Ricardo Benzaquen de. (1994) *Guerra e Paz: Casa-Grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. Rio de Janeiro: Editora 34.
- Candido, Antonio. (1969) "O Significado de Raízes do Brasil", em Prefácio a Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*. 5.ª ed. revista. Rio de Janeiro: José Olímpio.
- Debert, Guita G. (1986) "Problemas relativos à utilização da história de vida e história oral" in Ruth C. L. Cardoso (org.) *A aventura antropológica. teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Ferreira, Marieta de Moraes. (1994) (coord.) *Entre-vistas: abordagens e usos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas.
- Freyre, Gilberto. (1935) *Artigos de Jornal*. Recife: Edições Mozart.
- Gomes, Angela Castro. (1992) (nota sem título), Mesa-Redonda sobre história oral e história de vida: temas e abordagens. Terceiro Encontro de História e Saúde, Casa de Oswaldo Cruz. In *Cadernos de História e Saúde*, Casa de Oswaldo Cruz, n.2..
- O Retrato Brasileiro: fotografias da Coleção Francisco Rodrigues 1840-1920*. (1983) Rio de Janeiro: FUNARTE/Núcleo de Fotografia, Fundação Joaquim Nabuco/ Departamento de Iconografia.
- Queiroz, Maria Isaura Pereira de. (1994) "História, História Oral e Arquivos na Visão de uma Socióloga" in Marieta de Moraes Ferreira (org.) *História Oral e Multidisciplinaridade*. Rio de Janeiro: Diadorim Editora Ltda.
- Santos, Luiz A. de Castro. (1978) "Visions of Brazil's Seigniorial Past: The Sociology of Gilberto Freyre". Cambridge, Mass., Universidade de Harvard, mimeo.
- Thompson, Paul. (1992) *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Vansina, Jan. (1992) Citado em Gwyn Prins, "História Oral" in Peter Burke (org.) *A Escrita da História*. Novas Perspectivas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista.
- W. I. Thomas, (1966) *On Social Organization and Social Personality*. Chicago & London: The University of Chicago Press.